

O GRITO DO SILÊNCIO: UMA LEITURA DO CONTO *SHIRLEY PAIXÃO*

Conceição Flores²⁴

Ilane Ferreira Cavalcante²⁵

RESUMO

O trabalho discute a questão do estupro praticado pelo pai a partir da leitura do conto *Shirley Paixão*, de Conceição Evaristo. Publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), o conto trata da questão da violência doméstica, mais especificamente, da violência sexual perpetrada pelo pai e dos efeitos dessa violência sobre a filha. A reação da menina é a de um grito silencioso que gera um comportamento excessivamente monitorado, e tão exemplar que a escola chega a questionar a família sobre as atitudes da menina. A leitura do conto permite, portanto, analisar o papel fundamental da escola na atenção à criança, detectando e alertando para problemas que, muitas vezes, a família vê sem maior preocupação, uma vez que encontra explicações plausíveis para justificar o comportamento da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Violência intrafamiliar. Estupro. Escola. Família.

CRY OF SILENCE: A TALE OF READING SHIRLEY PASSION/ **THE SILENT SCREAM: READING THE SHORT STORY *SHIRLEY PAIXÃO***

ABSTRACT

This work analyses the short story *Shirley Paixão*, published on the book *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), by Conceição Evaristo. It focuses on two aspects: the intrafamiliar violence, looking over the father/daughter incest and the effects of it on the victim, as well as the role of school in the detecting this problem. In Evaristo's short story, the main character narrates her experience with her child, that reacts to violence with a complete silence and such a controlled behavior that her teacher, at school, notices

²⁴ Professora da Universidade Potiguar (UnP).

²⁵ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

it and calls her mother to ask the reasons of such behavior. When reading this short story, we are compelled to pay attention to these problems, to the role of school in detecting it, and to the signs that family sometimes underestimate, finding more superficial reasons to it.

KEY-WORDS: Intrafamiliar violence. Sexual assault. School. Family.

Insubmissas lágrimas de mulheres, publicado em 2011, é um livro composto por 13 contos, todos com nomes de mulher, em que a escritora Conceição Evaristo aborda várias questões ligadas às relações de gênero, inclusive a diversas situações de violência presentes no cotidiano feminino. Contrapõem-se à espessura do livro, não muito grande, os temas e a densidade dos contos. São histórias comoventes que a narradora afirma ter reunido após tê-las ouvido de suas protagonistas, histórias que fazem “o choro viver”. Como o narrador sedentário de Benjamin, Evaristo conta a partir do que ouviu. Ela afirma: “Ouço muito. Da outra voz, faço a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2011, p. 9). Mas avisa aos leitores ingênuos:

Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 9).

Para a escritora, memória e invenção são dois elementos que fazem parte da mistura diária da sua escrita, isto é, ela “traça[r] uma escrevivência”, ato que (con)funde a escrita e a vida, as histórias ouvidas e as histórias vividas. Esse assumir da bio/grafia (MAINGUENEAU, 2001) demanda que se faça a apresentação da autora.

Conceição Evaristo nasceu a 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, numa família pobre, moradora do Morro do Pindura Saia. No poema “Vozes-Mulheres”, a autora conta a história das mulheres da sua família, remontando à sua bisavó, escrava negra trazida ainda menina para o Brasil e trazendo à tona as histórias de sua avó, desobediente aos senhores brancos; de sua mãe, lavadeira e cozinheira – cuja revolta é silenciosa por lutar contra a fome; de si mesma. São histórias escritas “com rimas de sangue/ e fome”, metáfora da trajetória de escravatura negra e dos sofrimentos padecidos pelos afrodescendentes, que ecoam na voz de sua filha, como um grito de liberdade. Transcrevemos o poema, pois vale a pena ler as “Vozes-Mulheres”, história de silêncio e dor, a que Conceição Evaristo deu voz.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade. (DUARTE, 2011, p. 217).

A vida de menina da periferia, não foi fácil, mas, apesar dos obstáculos, a autora seguiu os rumos da educação formal. Estudou no Instituto de Educação, uma

escola tradicional de Belo Horizonte, onde concluiu o Curso Normal. Enquanto estudava, trabalhou como doméstica e, de posse do diploma de professora, migrou, em 1973, para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades. Professora da rede pública do Rio de Janeiro, formada em Letras, em 1990, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. As questões étnicas sempre a ocuparam e ecoam tanto na vida profissional, quanto na literária e na acadêmica. Os primeiros contos e poemas foram publicados em 1990, nos **Cadernos negros**. A publicação individual ocorreu, em 2003, com **Ponciá Vicêncio**, romance traduzido, em 2008, para o inglês. **Becos da memória**, escrito no final da década de 1970 e início dos anos 1980, só foi publicado em 2006. A escrevivência de Evaristo se dá a partir da perspectiva de mulher negra e pobre, do ponto de vistado subalterno. A autora comenta:

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. [...] Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida [...]. A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.²⁶

Considerando a leitura e a escrita como direito de todos e propondo uma literatura do subalterno, a autora dá voz aos excluídos e silenciados da história, pois aborda, sobretudo, questões de gênero e de etnia. O conto ora em estudo narra a comovente história da família de Shirley Paixão, mãe de cinco filhas, três que o marido trouxera e duas que eram dela. As cinco eram pequenas, com idades entre os cinco e os nove anos, quando Shirley casou. Durante sete anos, foram uma família comum, como a protagonista conta: “Vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal” (EVARISTO, 2011, p. 25-26). Quem não sabia, achava que as meninas eram todas filhas de Shirley e do marido, dada a semelhança e a amizade existente entre elas, afirma a narradora. As filhas dela haviam ganho um pai e as dele uma mãe. Shirley narra: “Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cúmplice entre nós. Eu, feliz, assistindo

²⁶ Entrevista concedida em 30 de setembro de 2010 e publicada em <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>. Acesso em: 12 fev. 2012.

às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres”. Essa “confraria de mulheres”, sedimentada na cumplicidade existente entre todas, incomodava “o homem da casa” que implicava por elas estarem sempre juntas. Shirley pressentia que “Uma batalha [as] esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele”, porém sem entender como, nem por que. Seni, a menina mais velha que havia chegado à casa de Shirley faltando apenas três meses para completar os cinco anos, era “a mais arredia”. “Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio.” (EVARISTO, 2011, p. 26-27). Shirley atribuía o silêncio da menina à morte da mãe e procurava ampará-la. Quanto ao pai, vivia implicando com ela. Esse silêncio de Seni se prolonga até os 12 anos. Seu comportamento era o de uma garota tímida, zelosa com as irmãs e de comportamento exemplar na escola. Tão exemplar que um dia uma professora chama Shirley para saber se em casa os pais eram muito severos com a menina, pois tinha observado que “Seni tinha a mania da perfeição e uma autocensura muito grande”.

Esse contato com a professora faz Shirley ponderar o que sempre desconfiara, mas que nunca tivera coragem de enfrentar, aquela guerra que mencionava logo no início da narrativa. Seu marido, relata, sempre falava com a menina para “desvalorizá-la, usando constantemente de palavras de deboche” (EVARISTO, 2011, p. 27). Então, a mãe e a professora decidem, com o auxílio da escola, procurar um acompanhamento psicológico para a menina.

Shirley questionava: “Será que ela se julgava culpada pela morte da mãe e a busca da perfeição seria uma maneira de purgar a sua culpa?” (EVARISTO, 2011, p. 26, 28). Em casa, comentou com o marido a conversa com a professora e ele ficou enraivecido, pouco faltou para agredi-la. A menina, por sua vez, entrou em pânico, e chorava desesperadamente. Para Shirley era “Como se [ela] pedisse abrigo no mais profundo de mim.”. Quanto ao marido, “Ele olhava de modo estranho para a filha.” Nesse dia, saiu de casa e quando voltou já todas dormiam. Entrou, sorrateiramente, no quarto das meninas:

Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando, naquela noite, a maneira silenciosa com que ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa para machucá-la [...]. Naquela noite,

o animal estava tão furioso [...] que Seni, para a sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. [...] As irmãs acordaram apavoradas, engrossando a gritaria e o pedido de socorro. Em princípio não reconheceram o pai – só podia ser um estranho – e começaram a gritar por ele e por mim. (EVARISTO, 2011, p. 29).

As meninas achavam que era um estranho que tinha entrado, não reconheciam o pai. Para Shirley, aquela era “a cena mais dolorosa” da sua vida. “Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu da menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz.” (EVARISTO, 2011, p. 29).

Perante o horror daquela cena, Shirley só pensou em salvar a filha “das garras daquele monstro”. A salvação foi uma barra de ferro que servia de tranca da janela. Ela então desferiu um primeiro golpe que deixou aquele homem “estatelado no chão”. O segundo golpe não chegou a ser desferido, pois uma vizinha a segurou.

A menina estava nua, corpinho desamparado, diante da mãe, das irmãs e dos vizinhos. A mãe embrulhou-a num lençol e embalou-a. A “confraria de mulheres” estava paralisada, estupefata. O corpo do algoz jazia no chão. A polícia chegou e ordenou que não banhassem a menina, para que fosse feito exame de corpo de delito. As vizinhas sugeriram que Shirley fugisse, se escondesse, para que não houvesse flagrante.

Shirley, porém, ficou. Confessou que “queria matá-lo”, não que “tivesse planejado [...]. Mas no momento em que tudo aconteceu, [...] só tinha uma certeza: aquele homem não merecia viver.” (EVARISTO, 2011, p. 25). O homem não morreu, foi para a cadeia. Quanto a Shirley, ela também foi presa e conta-nos:

Eu ainda vivi tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas, e toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal. Sei que não se pode e nem se deve fazer justiça com as próprias mãos, mas o meu ato foi o de livrar a minha filha. Não tinha outro jeito. (EVARISTO, 2011, p. 30).

Fugindo ao estereótipo de “mulher-vítima”, Shirley assume a responsabilidade do seu ato. Naquele momento, defender a filha do vil crime cometido silenciosamente dentro do lar era o seu móbil. Ela já não reconhecia, naquele homem, o “seu homem”, por isso não tivera compaixão.

O conto é narrado pela protagonista, passados trinta anos daquela noite terrível. Atualizado pela memória, a lembrança traz à tona esse “[...] momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (BOSI, 1994, p. 49). O passado sobrevive na lembrança daquela “confraria de mulheres”, cujos laços de amor se sobrepoem à violência do crime. Shirley conta: “[...] continuamos a vida. Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo.”. Sem escamotear as lembranças dolorosas, a narradora diz que “Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado.”. Informa-nos que ela “vem conseguindo”. É médica, pediatra, escolheu “proteger e cuidar da vida das pessoas.” (EVARISTO, 2011, p. 31).

Conceição Evaristo (2011) aborda um tema extremamente significativo para a família brasileira, a violência doméstica. Tema que é definido como

[...] qualquer tipo de *relação de abuso* praticado no contexto privado da família contra *qualquer um* dos seus membros. As estatísticas são eloquentes ao assinalar o homem adulto como autor mais frequente dos abusos físicos e/ou sexuais sobre meninas e mulheres. (BRASIL, 2001, p. 12).

De acordo com o caderno **Violência intrafamiliar** (2002), do Ministério da Saúde, os responsáveis por 70% dos casos são os maridos. Desses casos, o mais comum é a violência do marido contra a esposa, chegando a 68.5% dos casos, mas também é significativo o índice de violência sexual contra os filhos. De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF),

[...] no período de um ano, é possível verificar que, em todo o país, mais de um milhão de pessoas se declararam vítimas de violência física. Desse total, 20% são crianças e adolescentes, sendo 61% meninos e 39% meninas, na faixa etária de 0 a 17 anos. Dezoito por cento dos casos estão relacionados a agressões de parentes, sendo que, sob tais circunstâncias, as meninas sofreram mais violência do que os meninos. Enquanto as crianças pardas foram mais agredidas por parentes, as brancas o foram por pessoas desconhecidas. (UNICEF, 2007, p. 9)

Em um país que não apresenta registros regulares e confiáveis sobre a questão da violência doméstica, muitas vezes, por falta, inclusive, de denúncia das próprias vítimas, os percentuais apresentados podem significar um problema endêmico.

A família deveria ser o lugar dos afetos, da proteção contra os perigos da vida, por isso o estupro cometido pelo pai é um crime brutal em que ocorre o abuso sexual e psicológico. O estupro fere a essência da família. Cometido contra crianças indefesas, aterrorizadas pela autoridade paterna, acontecem, regra geral, contra meninas. O corpo da menina é usado como se pertença fosse do pai, ferindo brutalmente todos os deveres paternos. A *inocencia consilli*, isto é, o desconhecimento da criança em relação aos atos sexuais e o caráter edipiano das relações fazem com que a criança vitimizada guarde silêncio em relação ao estupro. Medo, isolamento social, baixa auto-estima (GERKO *et al.*, 2005; MEYERSON *et al.*, 2002 *apud* ALED, 2006) são gritos de silêncio dos inocentes, indícios de que alguma coisa não está bem com a criança. Muitas vezes a mãe atribui esse comportamento a outras causas, como se percebe no conto, em que a narradora, Shirley, achava que Seni era aquela menina silenciosa e exigente com ela mesma devido à morte da mãe.

A violência intrafamiliar é endêmica no Brasil por várias razões, entre elas, no que tange à criança, por razões culturais. A surra sempre foi instrumento de educação familiar no país, mas há uma carência de dados estatísticos que comprovem a violência doméstica. As pesquisadoras Maria Amélia Azevedo e Viviane Azevedo Guerra (2001) investigaram a presença de registros de violência doméstica na literatura memorialística, levantando um quantitativo de 47 biografias de escritores brasileiros. Desse contingente, 43 abordavam a própria infância, e desse número, 14 descreveram momentos de punição que permaneceram marcados em sua memória. Outra pesquisa, dessa vez entre adolescentes de escolas públicas e particulares do município de Duque de Caxias (RJ), deixa entrever que o maior agressor é sempre o pai.

Só muito recentemente, da década de 1980 para cá, é que o Brasil tem se posicionado mais firmemente sobre essa questão, seja através da criação das delegacias especializadas, seja através da realização de pesquisas mais sistemáticas sobre o assunto. Mas o fato é que a violência doméstica parece reproduzir as estruturas sociais de poder, principalmente aquelas que definem a ascendência do mais forte sobre o mais fraco.

Violência doméstica contra crianças e adolescentes, relatório da UNICEF

(2007), demonstra que, ao serem interpelados sobre o problema, os brasileiros tendem a justificar a questão da violência a partir de razões genéticas extremamente preconceituosas. O relatório aponta uma pesquisa realizada, em 1991, entre estudantes do último ano de cursos como Pedagogia, Medicina, Direito, Odontologia, entre outros, e revela

[...] o modelo da patologização social, que apresenta uma forma de explicar o fenômeno culpando não mais o agressor ou a vítima, mas a família, especialmente a pobre, que seria portadora de déficits culturais, educacionais, morais. De qualquer forma, o modelo explicativo continua tendo a doença como metáfora: não mais doença inata, herdada por alguns indivíduos, mas doença social, doença da pobreza. [...] No discurso de muitos alunos evidencia-se a crença na cultura da pobreza como fator determinante para ocorrer, por exemplo, o incesto pai-filha. Aceitar isso seria admitir tacitamente que todas as famílias pobres seriam famílias incestogênicas, o que não é verídico. São explicações ideologizantes porque mascaram o fato de que o fenômeno está longe de ser uma exceção, algo que só existe no universo dos psicopatas e dos pobres. Muito pelo contrário. É amplo e irrestrito, e nenhuma classe social, nenhum credo religioso ou etnia estão imunes. (UNICEF, 2007, p. 10).

Este relatório demonstra haver uma tentativa de manter a violência doméstica contra crianças e adolescentes em âmbito externo ao do sujeito que fala, circunscrevendo-o a outros ciclos e justificando-o pela pobreza, etnia ou pela própria condição sexual. A violência doméstica, principalmente a que atinge as relações de gênero, está eivada de preconceitos que não só dificultam a sua detecção, mas que desviam a sua causa, seja desconsiderando a existência dessa forma de violência em todas as classes e esferas sociais, seja culpabilizando a própria vítima pela violência sofrida.

A violência doméstica precisa, portanto, ser considerada tema fundamental nos cursos de graduação, pois é preciso pensar, pesquisar e propor soluções para o problema. Nesse caso, uma das formas de atuar sobre essa questão é a intervenção da escola.

Essa intervenção escolar pode acontecer de diferentes formas. A ênfase

na necessidade de formação daquele que irá lidar com a criança dentro da escola é fundamental, pois, quando no lar os gritos do silêncio não são ouvidos, a esperança é de que na escola haja quem os ouça. A escola não é apenas o lugar da aprendizagem curricular, mas um *locus* especial de proteção e atenção à criança. A professora de Seni se apercebeu de que algo não ia bem com a menina, chamou a mãe para conversar, e assim deflagrou o processo que levou à descoberta do estupro que acontecia desde que a mãe da menina morrera.

Um estudo desenvolvido por Vagostello e outros (2007), entre profissionais de escolas da rede pública de São Paulo, investigando seu conhecimento sobre a violência doméstica sofrida por alunos da rede, indica que

[...] a modalidade de violência mais observada entre os professores foi violência física (73,9%), seguida por abandono (46,4%), abuso sexual (43,5%) e agressão verbal (33,3%). Na amostra de diretores, as respostas mais frequentes foram, respectivamente, violência física, abuso sexual e agressão verbal.

Esses índices, recolhidos na escola, foram percebidos por docentes ou pelos diretores das escolas a partir de indícios, como ausência frequente, baixo rendimento, falta de atenção e de concentração e comportamentos de agressividade, passividade, apatia e choro, de acordo com Vagostello (2007).

Dessa forma, o ambiente escolar pode e deve cumprir com a função de atender a vítima e agir sobre a família, direcionando o problema, como determina a lei, aos Conselhos Tutelares. Os Conselhos Tutelares são órgãos responsáveis pelo cumprimento das diretrizes propostas pelo *Estatuto da Criança e do adolescente* (1990). Infelizmente, o mesmo estudo desenvolvido por Vagostello (2007) indica que poucos dos professores pesquisados entendem ser seu papel levar o caso de violência aos Conselhos Tutelares:

Os professores consideram que seu papel frente à violência é comunicar à Direção da escola (74,7%) e convocar e orientar os pais (74,7%), sendo que o encaminhamento aos Conselhos Tutelares foi a categoria menos mencionada (35,4%). Todos os diretores atribuíram ao professor a função de informar à Direção no caso de identificação

ou suspeita de maus-tratos domésticos. (VAGOSTELLO *et al.*, 2007)

O livro de Conceição Evaristo, mais especificamente o conto estudado, se caracteriza, portanto, como uma literatura engajada, no sentido de que, politicamente, indica a necessidade, na sociedade brasileira, de mais atenção às questões que se circunscrevem à violência de gênero, seja ela contra crianças e adolescentes, seja contra mulheres adultas. O conto *Shirley Paixão* nos alerta para o silêncio dos inocentes, para aqueles que não têm voz. Eles aguardam a nossa ajuda. Saibamos ver além para que casos como os de Seni não se perpetuem. Levemos casos como esses para as nossas salas de aula de formação de profissionais de todas as áreas. É preciso não só denunciar os casos, não só pesquisar as causas e os índices, não só gerar as condições adequadas (incluindo legislação e locais de atendimento) para atender as vítimas e punir/reeducar agressores, é preciso ir ainda mais fundo, revendo valores e preceitos profundamente enraizados na sociedade brasileira. Discutir essas questões na escola, seja na formação dos profissionais (em cursos de graduação), seja nas próprias escolas de educação básica, pode levar a importantes e positivas mudanças no cenário da violência intrafamiliar no Brasil.

REFERÊNCIAS:

ADED, Naura Liane de Oliveira *et al.* Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. *Revista de psiquiatria clínica, São Paulo*, v. 33, n. 4, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2012.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: MEC, 2002. Cadernos de atenção básica, n. 08. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf. Acesso em: 17 mar. 2012.

_____. *Lei 8.069 de 13 de julho de 1990*. Estatuto da Criança e do adolescente. Ministério da Justiça, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 19 mar. 2012.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. DUARTE, Eduardo de Assis. Conceição Evaristo. *In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 207-226. Volume 2: Consolidação.

CONCEIÇÃO EVARISTO: literatura e consciência negra. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>. Acesso em: 12 fev. 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. Volume 2. Consolidação

EVARISTO, Conceição. Shirley Paixão. *In: _____.* *Insubmissas lágrimas de mulher*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

UNICEF. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Brasil, 2007. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_01.pdf . Acesso em: 17 mar. 2012.

VAGOSTELLO, Lucilena et al. Violência doméstica e escola: um estudo em escolas públicas de São Paulo. In: *Paideia*. São Paulo: USP. Disponível em: http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/26/07.htm#_ftn1. Acesso em: 19 mar. 2012.